

## CONTRIBUIÇÕES DA OBRA LITERÁRIA CACHINHOS, CONCHINHAS, FLORES E NINHOS NA PRÁTICA ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Suzana dos Santos Cirilo <sup>1</sup>  
Janielle Kaline do Rêgo <sup>2</sup>  
Telma Maria de Oliveira Silva <sup>3</sup>  
Marcela Renato Vieira de Pontes<sup>4</sup>

### RESUMO

Este estudo tenciona discutir sobre práticas educativas antirracistas, tratando-se de uma proposta educacional na perspectiva do respeito às subjetividades e valorização da ancestralidade africana que deve ser efetivada com urgência na sociedade contemporânea. Esses valores devem ser trabalhados na educação infantil com objetivo de dar voz ao segmento negro da população e (re)significar a educação em prol da igualdade racial. Nessa premissa, o objetivo deste artigo é mostrar como trabalhar práticas antirracistas na educação infantil a partir da obra literária infantil Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos, publicado no ano de 2015 pelo autor Maurilo Andreas, ilustrado por Giselle Vargas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para coleta de dados foi realizado uma pesquisa bibliográfica com os autores; Ribeiro (2019) que traz discussões sobre práticas antirracistas; Gomes (2002) discorre sobre a relevância do corpo negro e do cabelo crespo no âmbito educacional; Sousa (2018) aborda questões referentes a representatividade negra na literatura Infantil dentro e fora da sala de aula e Trinidad (2012) disserta sobre a diversidade étnico-racial como prática pedagógica durante a educação infantil. A partir da pesquisa realizada, compreendemos que as práticas pedagógicas antirracistas presentes no livro analisado contribuem para o (re)conhecimento, autoaceitação e valorização das singularidades, dada a relevância do trabalho com a literatura infantil e afro-brasileira desde a mais tenra idade.

**Palavras-chave:** Educação antirracista, Literatura infantil, Diversidade étnico-racial.

### INTRODUÇÃO

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benefício para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. (RIBEIRO, 2019 p.41-42)

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [suzana.182009@hotmail.com](mailto:suzana.182009@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [janielekaline@hotmail.com](mailto:janielekaline@hotmail.com)

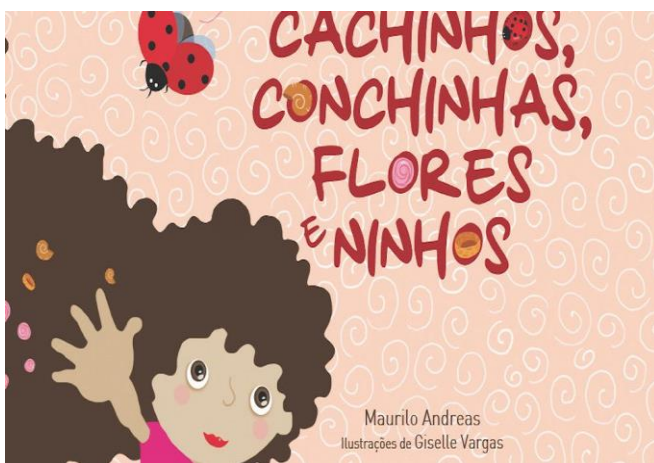
<sup>3</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEPB, [telmadavi25@gmail.com](mailto:telmadavi25@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEPB, [marcelaejesus@hotmail.co](mailto:marcelaejesus@hotmail.co)

Este artigo tem como objetivo mostrar ao docente como trabalhar prática antirracista através da literatura infantil, para isso foi realizada uma análise bibliográfica acerca da literatura infantil “Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos” na educação infantil, que tem como autor, Maurilo Andreas, e ilustradora, Giselle Vargas.

Assim, nosso primeiro ponto é compreender as influências positivas da literatura infantil na primeira etapa educacional na vida das crianças, na perspectiva da educação antirracista. O segundo ponto, é explanar como o docente pode trabalhar essa literatura na sala de aula, quais as estratégias que ele poderá utilizar durante a contação dessa história que contribuem para construção da identidade racial da criança negra e, para desconstrução dos padrões de beleza idealizados pela branquitude.

## REFLEXÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA OBRA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL



A produção literária para crianças “Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos” traz em seu título os cabelos cacheados e volumosos como algo belo, desconstruindo o padrão de cabelos lisos instituído pela branquitude. Nilma Lino Gomes (2002) argumenta que os cabelos compõem um estilo político diante do contexto social. Através dele, é permitido

fazer a leitura superficial de quem nós somos, nossas raízes étnicas estão impregnadas nele. O título mostra que abordará um importante texto literário sobre a beleza da estética negra, fator importante para construção identitária da criança negra, desconstrução dos preconceitos e discriminação racial, temas relevantes para serem trabalhados na educação infantil.

O livro foi publicado no ano de 2015. Escrito por Maurilio Andreas e ilustrado por Giselle Vargas, 2018 foi aprovado no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLDD, esse programa é;

[...] destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias,

profissionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (MEC, 2021)

O foco dos livros de Maurilo Andreas, não são voltados para questões raciais, mas este livro possibilita reflexões importantes sobre o respeito as diferenças e enfatiza os traços da negritude como belos e que precisam ser respeitados.

“Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos” disserta sobre a aceitação das diferenças de si e do outro de forma bem didática e ilustrativa. Ele faz refletir sobre a beleza dos traços da negritude, a importância da autoaceitação das subjetividades, sem necessidade de se adequar a padrões de beleza pré-estabelecidos, tudo isso a partir dos cabelos cacheados da protagonista da história. Essa valorização da estética negra na mais tenra idade faz parte da construção identitária da criança negra e não negra.

Gomes (2002) discorre sobre a relevância da escola em trabalhar com as questões culturais construídas sobre a cor de pele e os cabelos, pois esses aspectos são definidores do pertencimento racial do ser humano. Assim, a trajetória educacional interfere na formação da identidade da criança negra, pois ali também são reforçados os estigmas sociais construídos sobre a cor de pele e os cabelos crespos.

O autor também faz utilização da fantasia para explicar a importância da valorização das diferenças que precisam ser trabalhadas na escola, durante a educação infantil, através da literatura infantil e afro-brasileira para que desde a mais tenra idade as crianças pratiquem o respeito a todas as pessoas sem segregação. A partir do momento que o docente oferta as crianças obras literárias que as represente, fortalece sua construção identitária, criando uma imagem positiva de si e dos outros. Neste sentido, Sousa (2018) reforça a importância da literatura durante a educação infantil, pois;

[...] esta é a etapa que as crianças na maioria das vezes começam o contato com a linguagem literária. Os livros de Literatura Infantil se tornam recursos fundamentais desta rotina. Neles, estão contidos um mundo de encantamento, que envolve o faz de conta, a arte, a cultura, a linguagem poética, uma gama de possibilidades que permeiam estas páginas. O papel do professor na escolha destes livros é fundamental. Quanto mais riqueza na diversidade literária e ilustrativa deste recurso, maior será a quantidade e a qualidade de conhecimentos adquiridos pelos pequenos leitores. (SOUSA, 2018, p.2)

Assim, a escola deve ser facilitadora das referências positivas sobre a questão étnico-racial da criança. Essa educação possibilitará o reconhecer-se enquanto pessoa negra através dessa representatividade positiva dos traços da negritude. O docente também precisa trabalhar o significado de ser negro na sociedade, mostrar que o mesmo pode romper com os lugares pré-estabelecidos pela branquitude. Neste contexto, a escola deve ensinar aos educandos o

significado da valorização cultural, pois é através dessa relação de respeito a pluralidade étnico-racial que os estereótipos sobre a pessoa negra serão desconstruídos.

## COMO TRABALHAR PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA OBRA

A convivência com a diversidade humana dentro da sala de aula precisa ser trabalhada na perspectiva de uma educação antirracista, essa educação visa a aceitação das pessoas e contribui para uma convivência mais harmoniosa. Para Cavalleiro (2005) as escolas devem desenvolver uma educação antirracista, para que as relações sociais entre as pessoas brancas e negras não sejam hierarquizadas. Uma educação antirracista não só proporciona o bem-estar do ser humano, em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileira”. (CAVALLEIRO, 2005, p.14)

O docente pode desenvolver esse modelo de educação através da literatura infantil e afro-brasileira, pois é fundamental dar visibilidade a diáspora africana no sentido de valorização dessa ancestralidade. Romper com a visão eurocêntrica dos conteúdos e mostrar as origens do povo negro no Brasil de forma positiva é o norte da educação antirracista, pois ela objetiva a valorização da ancestralidade africana e fortalece a autoestima das crianças negras. Assim, a literatura tem grande contribuição como material pedagógico para o docente, Costa (2020, p.48) afirma que;

[...] as imagens nos livros infantis são importantes e necessárias para que o/a leitor/a se aproprie das histórias lidas e dos símbolos que as ilustrações representam. A experiência de olhar, observar e perceber detalhes visuais fará com que a criança entenda a história e reflita sobre ela.

A obra “Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos” é pertinente porque vai de acordo com a quebra de paradigmas de beleza instituídos socialmente pela branquitude. Ele traz a visão dos cabelos crespos, ou cacheados, característica fenotípica da criança negra, como belo, pois nossos traços étnicos compõem nossa identidade, neste sentido é fundamental construir uma imagem positiva da criança na valorização do corpo e do cabelo crespo.

Nessa premissa, Maurilo Andreas (2015) começa o texto falando que a menina tem mil cachinhos na cabeça e compara-os a conchinhas, bostões de flores e ninhos de passarinhos, fazendo uma referência positiva dos traços étnicos da pessoa negra.

**Figura 1-** Cena da personagem exibindo os cabelos cacheados de forma positiva.



Fonte: Maurilo Andreas, 2015.p.4.

Essa primeira fala dentro do texto (re)afirma a construção da identidade positiva. Através dessa representação, é desconstruído a visão preconceituosa e inferiorizada dos traços étnicos, contrariando a normatização imposta socialmente, que nega a beleza negra. O docente pode aproveitar esse momento para trabalhar essas questões dentro da sala de aula, principalmente se tiver alguma criança com o cabelo crespo, pois essa visibilidade possibilita a autoaceitação e respeito dos colegas.

A família também aparece no livro representando uma função muito relevante na construção dessa identidade negra positiva, quando fala “o pai amava as conchinhas, brincava com os dedos nelas e quase sentia o cheiro de mar. A mãe, adorava as florzinhas, cuidava bem de cada uma, como se ali fosse seu jardim. (Andreas, 2015, p.6-7).

Neste momento, é desenvolvido na criança a interiorização dessas imagens positivas sobre suas características, isso desconstrói a padronização estética eurocêntrica como única e bela. A figura da família é primordial nessa relação de construção da identidade racial, pois o trabalho da escola, se não for reforçado no âmbito familiar, acaba sendo desconstruído. A escola deve estreitar essa relação afim de criar uma nova postura tanto dos alunos, quanto da família sobre a valorização das diferentes culturas e grupos étnico-raciais.

A escola deve conhecer seu aluno, sua cultura e valorizar a diversidade que existe nesse meio. Andreas (2015) mostra a importância da família nesse processo de desconstrução de padrões de beleza, pois traz as características positivas sobre seu pertencimento racial, que na história é exemplificado a partir dos cabelos da personagem. Amorim (2020) acrescenta que:

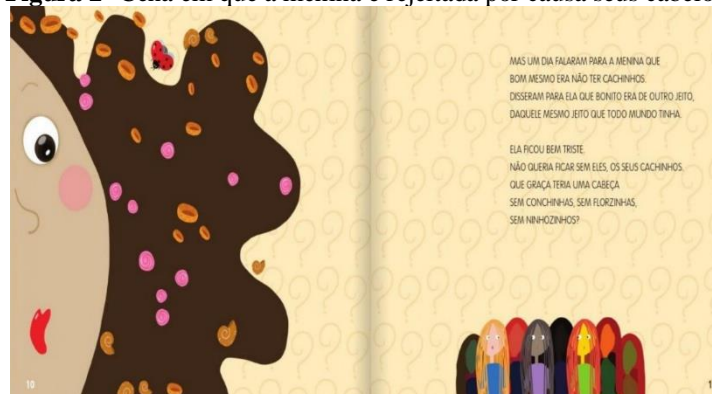
o cabelo pode ser considerado como uma das partes do corpo que mais traços afirmativos de personalidade conferem a um indivíduo. Os cabelos, pelas múltiplas possibilidades de manipulação, como pintura e alisamento, podem ser instrumentos de apagamento de traços ancestrais, sobretudo quando visam a adequação a um padrão de beleza construído a partir de relações de poder. Mas, também, podem ser meios de expressão de identidade e resistência, sobretudo por irem de encontro a estes padrões. (AMORIM, 2020, p.46)

Neste sentido, os cabelos crespos são vistos como símbolo de resistência, que vão de encontro a desconstrução dos padrões, no livro infantil essa resistência aos padrões é mostrada no momento em que alguém fala para menina “bom mesmo era não ter cachinhos, que bonito era ser de outro jeito, igual a todo mundo” (ANDREAS, 2015). Nesta fala é possível perceber a cobrança social sobre a criança, na qual a mesma é obrigada fazer parte de determinada cultura para poder caracterizar-se como ser humano. O autor não especifica em qual contexto social acontece essa fala, mas deixa a subentendido que seria na escola, onde as coleguinhas da personagem teriam falado isso, pois é lá onde a criança se depara com a diversidade de culturas. E, apenas reproduz o discurso de beleza eurocêntrico instituído pela família, pelo seu convívio social e, algumas vezes, pela escola. Gomes (2002) traz reflexões significativas sobre a reprodução de estereótipos durante a trajetória escolar, segundo a autora;

são nesses espaços que as oportunidades de comparação, a presença de outros padrões estéticos, estilos de vida e práticas culturais ganham destaque no cotidiano da criança e do/a adolescente negros, muitas vezes de maneira contrária àquela aprendida na família. (GOMES,2002, p.46)

Partindo da precisa de que a família deve desenvolver na criança esse empoderamento de respeito a suas singularidades. O docente pode aproveitar esse momento da fala do livro para mostrar as crianças que elas são perfeitas do seu jeito. Que é desnecessário querer ser outra pessoa, pois cada um tem sua importância e devemos nos amar do jeito que somos. Na estória a representação da criança é expressada através do cabelo, por isso é necessário que o docente atribua um significado a essa representação. A figura abaixo retrata o momento da comparação presente no livro, no qual a personagem fica muito triste diante do acontecido.

**Figura 2-** Cena em que a menina é rejeitada por causa seus cabelos.



**Fonte:** Maurilo Andreas, 2015, p.11.

Diante desta realidade vivenciada na história família demonstrou bastante afeto pela criança quando o pai fala “Não! Ninguém mexe nas minhas conchinhas” (ANDREAS, 2015,



p.12) e a mãe diz assim “sai pra lá, deixa aqui meu jardim!” (ANDREAS, 2015, p.12), podemos observar o carinho da família na forma como ela trata esse sentimento de reprovação que a personagem está passando.

Tanto o pai quando a mãe da criança trabalha na tentativa de desconstruir a ideia de que os cabelos da menina são feios. Neste sentido, o cabelo se torna um símbolo pessoal de resistência identitário da criança, que segundo Gomes (2002) carrega sua herança cultural, e mesmo as pessoas tendo suas particularidades individuais, os cabelos ligam-nas a um pertencimento racial comum.

Essa prática antirracista presente na família permite a continuidade do trabalho desenvolvido pelo educador/a, pois essa relação estabelecida em diálogo com a escola fortalece a identidade racial da criança. O docente pode aproveitar para falar sobre os aspectos individuais que cada pessoa tem, mostrar o porquê de as meninas terem os cabelos cacheados/crespos e volumosos e fazer um momento de reflexão positiva sobre a diáspora africana na construção histórica do nosso país, isso fortalece a construção de uma educação antirracista. Usar e exibir os cabelos crespos é valorizar a pertença e entendê-la como bela, não se deixando capturar apenas por um determinado padrão estético associado à branquitude. (COSTA,2020, p.76)

A parte da história que considero o ápice da reflexão a ser desenvolvida pelas crianças durante a educação infantil, acontece no momento em que a menina começou a se olhar no espelho admirando a beleza de seus cachinhos e começou a imaginar como seria se todas as pessoas precisassem mudar o jeito de ser, só para agradar os outros. (ANDREAS,2015).

O escritor faz provocações ao leitor, e leva-os a refletir sobre a importância das singularidades de cada indivíduo, questionando-os de como seria se todas as pessoas precisassem se encaixar em algum padrão. Trazendo para o contexto infantil e imagético da criança, a personagem começa a dialogar com o leitor e mostra como seria estranho se os animais precisassem mudar as suas subjetividades, ele mostra essas falas de uma forma bastante didática e humorada, dada a relevância da ludicidade na educação infantil.

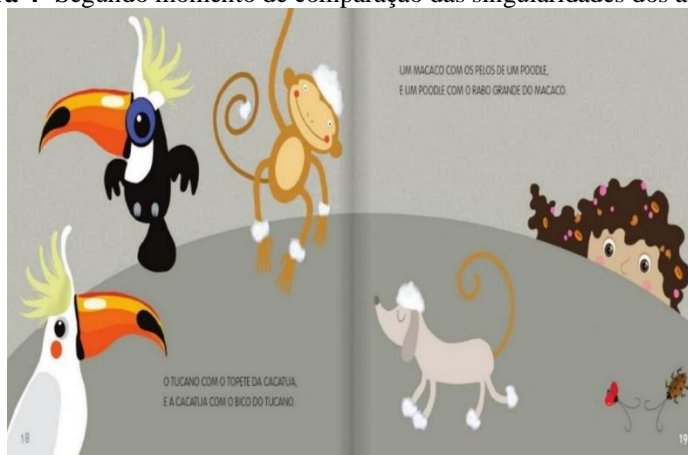
**Figura 3-** Primeiro momento de comparação das singularidades de cada animal.



Fonte: Maurilo Andreas, 2015, p.16-17.

Na figura acima a personagem está questionando como seria estranho se a tartaruga tivesse a juba de um leão, e a zebra com as manchas da girafa e a girafa com as listras da zebra (ANDREAS, 2015). Esse momento de ludicidade presente na estória pode ser explorado pela professora/a através de figuras de encaixe, na qual as crianças pudessem modificar os animais, por exemplo, expor no chão da sala as imagens e chamar as crianças para trocarem essas subjetividades dos animais, colocando a juba do leão na tartaruga. Essa é uma excelente ferramenta pedagógica para trabalhar a importância do autoamor, do reconhecimento e da valorização das subjetividades do outro.

**Figura 4-** Segundo momento de comparação das singularidades dos animais.



Fonte: Maurilo Andreas, 2015, p.18-19.

Nesta figura de número 4 (quatro) o autor dar continuidade as comparações entre os animais, agora ele traz o tucano com o topete de cacatua e a cacatua com o bico do tucano, um macaco com os pelos de um poodle e um poodle com o rabo de macaco. (ANDREAS,2015). O docente deve aproveitar esse momento para iniciar um projeto de intervenção pedagógica sobre a temática racial, com objetivo de incentivar as práticas de respeito tanto no âmbito educacional quanto no convívio social das crianças. Visto que, a função da escola é oferecer o ensino de



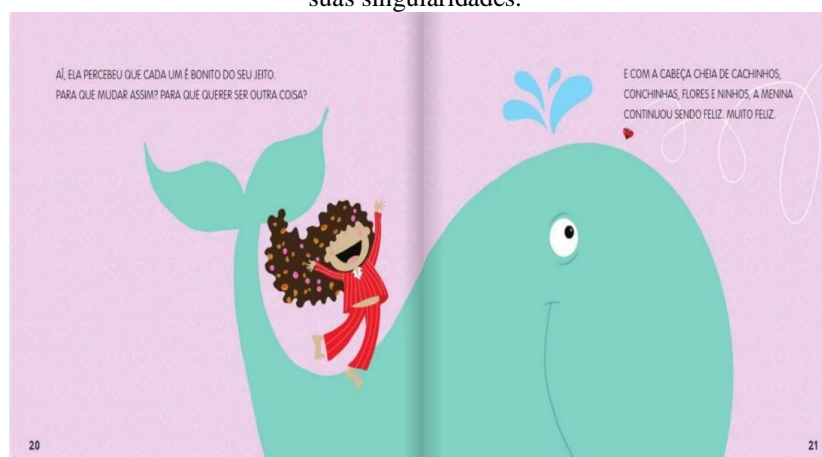
respeito as heterogeneidades humanas, uma educação que assista democraticamente os direitos de todos os seres humanos, nesta premissa Candau (2007) citada por Silva (2017, p.64);

afirma que a Educação em Direitos Humanos baseia-se em três pilares: a formação dos sujeitos de direito, o empoderamento e a educação para o nunca mais. O primeiro pilar diz respeito à percepção dos direitos enquanto cidadão, direitos que não são uma dádiva, mas são assegurados por lei. O segundo pilar se refere ao empoderamento do sujeito ou grupos sociais que são tratados como minorias. Esse empoderamento é relacionado ao ato de tomada de consciência e participação ativa nas ações sociais que compõem a ordem social. É de fato se afirmar cidadão e ocupar seu lugar de direito. E o educar para nunca mais se trata de reconhecer e valorizar a sua história e cultura, rompendo com a cultura do silêncio e impunidade ainda fortemente presente na escola.

Assim, é primordial que essas relações estejam presentes na educação infantil, principalmente as questões relacionadas ao corpo e cabelo, pois são elementos constituintes da identidade negra. As práticas pedagógicas devem se comprometer com a educação para relações étnico-raciais, isso possibilita as crianças negras construir a identidade positiva de si deste a mais tenra idade. Pensar sobre a diversidade cultural desde a Educação Infantil implica reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças, bem como inseri-las na pauta das nossas vivências cotidianas e das nossas reivindicações. (SILVA, 2017, p.79)

A personagem conclui que ninguém precisa ser igual. Que todas as pessoas são bonitas do seu jeito, e que não tem necessidade de encaixar-se em padrão de beleza estabelecidos pela branquitude. Na imagem abaixo é possível perceber que a personagem segue feliz se amando do jeitinho que ela é.

**Figura 5-** Final da estória que mostra a alegria da personagem reconhecendo suas singularidades.



Fonte: Maurilo Andreas, 2015, p.20-21

No contexto educacional, o docente pode trabalhar esses pontos mencionados na obra, na perspectiva da construção de uma educação antirracista. Através da contação dessa estória

durante a educação infantil, o docente tem nas mãos um excelente material de apoio pedagógico, pois esta literatura favorece a construção da identidade positiva das crianças negras, assim como, estabelece uma relação democrática de respeito mútuo com todas as pessoas consideradas “fora do padrão”.

É fundamental mostrar a diversidade étnica existente em nosso país, nesse sentido Araújo (2012) acrescenta que existem dois desafios pertinentes que o professor enfrenta ao elaborar o currículo, o primeiro é trabalhar a partir dos conhecimentos que os educandos trazem sobre suas vivências. O segundo é perceber o seu distanciamento dos conhecimentos sobre o tema e buscar referências em livros didáticos, porém, é necessário atentar para o fato de que muitos livros ainda reforçam os conceitos de democracia racial ao invés de desconstruí-los.

O docente, embasado com os conhecimentos necessários sobre a temática, poderá trabalhar as práticas antirracistas na sala de aula promovendo a educação para todas as pessoas, pois;

O racismo e seus derivados no cotidiano e nos sistemas de ensino não podem ser subavaliados ou silenciados pelos quadros de professores(as). É imprescindível identificá-los e combatê-los. Assim como é pungente que todos(as) os(as) educadores(as) digam não ao racismo e juntos promovam o respeito mútuo e a possibilidade de se falar sobre as diferenças humanas sem medo, sem receio, sem preconceito e, acima de tudo, sem discriminação. (CAVALLEIRO, 2005, p. 12)

Para desenvolver uma educação antirracista, a escola precisa trabalhar com ações cotidianas não só no ambiente educacional, mas em toda a comunidade onde a escola está inserida. O Projeto Político Pedagógico-PPP deve contemplar discussões sobre as ações antirracista que a escola pretende/desenvolve, uma vez que, vivemos em uma sociedade multicultural e, a escola deve considerar essa diversidade que está presente tanto na escola quanto fora dela.

Uma educação antirracista reconhece o histórico de desigualdades sociais e excludentes que as pessoas negras vivenciaram, e trabalha com intuito de tentar reverter esse quadro ainda presente na contemporaneidade. Nesse contexto, o mito da democracia racial precisa ser desfeito, a escola precisa para de reproduzir o racismo, dar visibilidade a literatura infantil e afro-brasileira que referencie as pessoas negras em diversos espaços para que as crianças negras se projetem e enxerguem um futuro diferente do que o eurocentrismo predestina, essas práticas fortalecem a educação democrática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a educação infantil, o primeiro espaço no qual a criança terá acesso aos saberes escolares, essa etapa se torna o momento crucial para efetivação de práticas pedagógicas antirracista. Isso pode acontecer através da literatura infantil e afro-brasileira. O docente precisa trabalhar essas literaturas na tentativa de (des)construir os estereótipos criados pela branquitude sobre as pessoas negras.

Neste sentido, ao analisar o livro infantil “Cachinho, conchinhas, flores e ninhos” do autor Maurilo Andreas, publicado em 2015 foi possível constatar que a obra contribui para proposta da educação antirracista na educação infantil. O docente, durante a prática pedagógica pode explorar essa literatura através da contação de história, de sequências didáticas sobre a temática racial. São práticas que facilitam a compreensão da criança sobre o respeito as singularidades de cada indivíduo. Através dessa literatura, a criança negra (re)constrói sua identidade, pois os traços da negritude, como os cabelos crespos ou cacheados, são referenciados de forma positiva.

Assim, a função da escola é oferecer o ensino de respeito as heterogeneidades humanas, uma educação que assista democraticamente os direitos de todos os seres humanos. A escola deve estreitar a relação escola e família na perspectiva de reforçar esse dialogo antirracista, de respeito aos traços da negritude, como os cabelos crespos, pois segundo Gomes (2002) eles carregam nossa herança cultural, e mesmo as pessoas tentu suas particularidades individuais, os cabelos ligam-nas a um pertencimento racial comum.

Trinidad (2012) argumenta que a sala de aula é o lugar de interação permanente das crianças, assim é fundamental (re)organizar esse ambiente. Colocar à disposição das crianças imagens que refletem a diversidade étnico-racial brasileira, que mostrem as pessoas negras desenvolvendo várias atividades profissionais, principalmente as de mais prestígio social, isso faz com que as crianças tenham mais empoderamento sobre suas escolhas profissionais futuras.

Esta pesquisa é importante porque contribui para construção de uma sociedade menos racista, a começa pelas crianças desde a infância. Para isso, é preciso que o educador/a esteja propicio a esse diálogo na sala de aula da educação infantil ressignificando a educação o tempo todo, estimulando mudanças, gerando valores atribuídos ao que durante muito tempo não estava sendo apontado como importante, pois, lutar por justiça social não tem haver só com igualdade, mas principalmente com respeitar os diferentes. No âmbito educacional, é primordial que seja ofertado as crianças o conhecimento sobre as várias manifestações culturais existentes na

sociedade, principalmente durante a educação infantil, pois a escola é o lugar de direito de todas as raças, e estas precisam ser respeitadas e valorizadas.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Inês Freitas de. Corpo e identidade: o cabelo como símbolo de resistência. In: Ana Cristina dos Santos; Camila da Silva Alavarce. **Vozes insólitas**: representações de diversidades e minorias na literatura e no cinema. Rio de Janeiro: Dialogarts 2020, 1a ed. (digital), p.45-57.

ANDREAS, Maurilo. **Cachinhos, conchinhas, flores e ninhos**. Belo Horizonte. Romana editora, 2015.

ARAÚJO, Leticia Guimarães. **Educação antirracista**: uma pedagogia do respeito a diferença. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1740-1756. Disponível em: 1 (est.edu.br) Acesso em:22.abr.2021

CAVALLEIRO, E. Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo. In. **Educação anti-racista** : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.65-104

COSTA, Vanessa Rosa da. **Protagonismo de meninas negras na literatura infantil contemporânea**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de educação, Programa de pós-graduação, Porto Alegre, BR-RS, 2020

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Rev. Bras. Educ.* online. 2002, n.21, pp.40-51. ISSN 1809-449X. Disponível em: [n21a03 \(scielo.br\)](https://doi.org/10.1590/S1809-449X2002000200003). Acesso em: 26.mar.2021

SILVA, Tarcia Regina. **A valorização da identidade da criança e negra desde a educação infantil**. Cadernos de Estudos Sociais, n. 32, v. 2, 2017. Disponível em: [Vista do A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA E NEGRA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL \(fundaj.gov.br\)](https://www.fundaj.gov.br/portal/arquivos/pdf/Vista_do_A_VALORIZAÇÃO_DA_IDENTIDADE_DA_CRIANÇA_E_NEGRA_DESDE_A_EDUCAÇÃO_INFANTIL.pdf). Acesso em:21.mai.2021

SOUSA, Gabriela Tavares de. **A Representatividade Negra na Literatura Infantil**: dentro da sala de aula. Congresso brasileiro de pesquisadores negros, 2018. Uberlândia-MG. Disponível em: [1538188330 ARQUIVO XCOPENEARrepresentatividadeNegraLiteraturaInfantildentrodasaladeaula.pdf \(dype.com.br\)](https://dype.com.br/arquivos/XCOPENEARrepresentatividadeNegraLiteraturaInfantildentrodasaladeaula.pdf). Acesso em: 08.abr.2021.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In. Maria Aparecida Silva Bento. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p.119-137

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ªed. São Paulo. Companhia das letras, 2019